

O AMOR LÍQUIDO COMO LUGAR-COMUM: APROPRIAÇÕES NÃO SOCIOLÓGICAS DE ZYGMENT BAUMAN EM MÍDIAS DIGITAIS

THE LIQUID LOVE AS COMMONPLACE: NON-SOCIOLOGICAL APPROPRIATIONS OF ZYGMENT BAUMAN IN DIGITAL MEDIA

Túlio Cunha Rossi*

Introdução

O presente ensaio é resultado de uma inquietação vivenciada por este autor ao observar, em sua utilização cotidiana de mídias sociais, recorrentes citações a Zygmunt Bauman, destacando-se referências à “liquidez” dos tempos atuais e à ideia de “amor líquido” como característica distintiva e cada vez mais comum aos relacionamentos afetivo-sexuais contemporâneos. A fim de investigar essas referências, seguindo links muitas vezes compartilhados por usuários de Facebook, realizou-se uma pesquisa do termo “amor líquido” no buscador Google. Nos resultados, excluindo-se anúncios de venda do livro *Amor líquido* (2004), resenhas e verbetes correlatos na Wikipedia, notou-se, em congruência com muitos dos *links* compar-

tilhados, que a expressão aparecia com certa frequência em portais de cultura colaborativa, autoconhecimento e autoajuda, sendo que, não raramente, encontravam-se os mesmos textos referentes à ideia de amor líquido replicados em diferentes páginas. Textos esses, no caso, escritos por profissionais fora do campo da sociologia. Partiu-se então de uma observação não sistemática, a partir de textos das páginas que tematizassem diretamente o “amor líquido”, dando preferência a textos com mais compartilhamentos e “curtidas”¹ a partir do Facebook.

Autor de extensa obra, Bauman é conhecido dentro e fora da sociologia por sua perspectiva analítica que concebe a modernidade, em suas décadas mais recentes, como “líquida”. Sob tal perspectiva, essa modernidade seria caracterizada por: crescente

*Universidade Federal Fluminense (UFF), Departamento de Ciências Sociais, Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: tuliorossi@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4391-7268>

1. Muitas das páginas consultadas contam, geralmente ao final do texto, com hiperlinks para compartilhamento direto em diferentes redes sociais, tais como Facebook e Instagram, sendo que alguns deles também exibem a contagem de “curtidas” de compartilhamentos que um texto recebeu.



desengajamento, em nível social, político ou individual; perda de segurança e confiança em instituições pretendidas como sólidas; flexibilização das relações de trabalho; consumismo exacerbado; e laços afetivos cada vez mais frágeis. A chave da modernidade líquida que penetra diferentes domínios da vida social e privada está numa condição generalizada de incerteza frente a mudanças constantes – no que a tecnologia teria importante papel – que, a exemplo do comportamento físico dos líquidos, têm dificuldade de assumir e preservar forma definida ao longo do tempo: “Vivemos tempos líquidos. Nada é para durar” (PRADO, n/d)

Contemplando grande variedade de temas e questões, o autor encontrou ampla recepção no mercado editorial brasileiro, algo incomum para a literatura especializada de sociologia. Publicado no Brasil pela Editora Zahar, Bauman era, até 2017, seu maior *best-seller*, com mais de 650 mil títulos vendidos, sendo *Amor líquido* o principal, com 134 mil (RODRIGUES, 2017). Além disso, as ideias de Bauman encontraram, através da internet, larga difusão, com referências mais ou menos diretas a seus livros em postagens no Facebook e Twitter, em blogs, sítios de cultura colaborativa, autoajuda e autoconhecimento (OBVIOUS; CONTI; O SEGREDO, n/d). A despeito da extensa obra, as referências tendem a se concentrar na temática do amor líquido e das dificuldades em estabelecer e preservar relacionamentos afetivos. É sobre essa recepção e difusão de apropriações do “amor líquido” via mídias digitais que versa este artigo.

Seguindo a trilha de referências e links compartilhados no Facebook, notou-se uma polarização entre “amores líquidos” referidos na chave de efemeridade e fragilidade, e

“amor romântico” referido na chave da solidez, durabilidade, profundidade e associado ao matrimônio. Nisso, frequentes associações entre a liquidez dos relacionamentos contemporâneos e as possibilidades de interação e comunicação, proporcionadas por novas tecnologias de comunicação e informação, instigaram questionamentos sobre as percepções de moralidade nas relações afetivo-sexuais, hoje, e como são associadas a mídias digitais, aqui entendidas conforme Richard Miskolci (2016, p. 283):

Digital, nesse sentido, não é uma definição técnica, sim, uma caracterização de nosso mundo como marcado pela conexão por meio de tecnologias comunicacionais contemporâneas que se definem cotidianamente como digitais e atualmente envolvem o suporte material de equipamentos (como *notebooks*, *tablets* e *smartphones*), diferentes tipos de rede de acesso (...), conteúdos compartilháveis (...) e, por fim, mas não por menos, plataformas *online* (como Facebook, Twitter, YouTube).

Assim, questiona-se: que concepções de amor orientam usuários de mídias digitais que compartilham as palavras de Bauman? Qual a historicidade subjacente a essas concepções? E o principal: que concepções de amor se constituem hoje, em parte influenciadas e justificadas por noções dispersas e ressignificadas de amor, modernidade e tempos líquidos? Destarte, este artigo constrói como objeto de investigação sociológica a significação do amor líquido no senso comum², a partir de sua difusão por usuários de mídias digitais, buscando não a sua proximidade ao pensamento de Bauman, mas as condições sócio-históricas em que sua obra encon-

2. Cf. José de Souza Martins (1998, p. 3): “O senso comum é comum não porque seja banal ou mero e exterior conhecimento. Mas porque é conhecimento compartilhado entre os sujeitos da relação social”.

tra ampla repercussão fora da sociologia. Para tanto, primeiramente se apresentam considerações sobre o amor romântico e o romantismo, seguidas de uma introdução crítica à perspectiva da liquidez e às referências a ela encontradas em páginas de autoconhecimento e cultura colaborativa, para depois explorar as associações com o contexto tecnológico das mídias digitais, deixando por fim uma proposta de agenda de pesquisa.

1. Amor Romântico

A perspectiva de amor consolidada no mundo ocidental moderno foi historicamente moldada pela família, pelo Estado e pela religião, encontrando nas artes espaço privilegiado (ELIAS, 1994) para transbordar legitimamente entre as frestas daquelas instituições pretendidas como sólidas. Assim, em sua forma socialmente legitimada, o amor estaria condicionado por questões externas às relações amorosas. Entretanto, vale lembrar que a correspondência aparentemente natural entre amor e casamento é uma invenção relativamente recente. Denis de Rougemont (1988) já apontava que grande parte dos romances, na Idade Média direcionados à nobreza e, mais adiante, à burguesia em ascensão, apresentavam histórias de amor como fuga de restrições sociais, onde o adultério era tema recorrente, bem como tendiam a finais trágicos, com a união dos amantes apenas na morte. Já Beck-Gernsheim (2017, p. 95) pontua:

o casamento na sociedade pré-industrial não era tanto a união de duas pessoas, mas muito mais a união de duas famílias ou até mesmo clãs. Assim, não havia escolha do parceiro no sentido que conhecemos hoje, nem atenção aos sentimentos de inclinação pessoal.

Na perspectiva de Beck e Beck-Gernsheim (2017), a modernização das socieda-

des ocidentais é acompanhada de um processo de crescente individualização que se intensifica após a 2ª Guerra Mundial. Tendo a noção de indivíduo como central no ideário moderno, e sua realização econômica e afetiva como metas culturais generalizadas nos países industrializados do ocidente, o casamento, reverberando ideais burgueses, volta crescentemente sua ênfase à escolha individual e às afinidades eletivas entre amantes. Embora questões e instituições externas ocupem papel central na legitimação do amor, este necessita se confirmar entre os amantes enquanto força avassaladora e supostamente autêntica, ainda que socialmente adestrada. Essa percepção corrobora não só uma pretendida solidez dos relacionamentos, mas, principalmente, de identidades e papéis dos seus membros. No entanto, o ideal burguês que fundiu amor e casamento na base sagrada da família nuclear expressava uma clara divisão social de gênero:

Enquanto era apenas a biografia masculina que estava subordinada ao padrão básico de individualização e a mulher era, complementarmente, encarregada da existência dos outros, a coesão familiar se mantinha em grande parte intacta – ainda que ao preço da desigualdade das mulheres (BECK-GERNSHEIM, 2017, p. 78).

Assim, o projeto idealizado de família nuclear do século XIX e de maior parte do século XX girava em torno da individualização da biografia masculina, com sua progressão no mercado de trabalho na qualidade de “provedor” balanceada pelo papel prescrito à mulher de cuidado do lar e dos filhos, com primazia na manutenção da vida privada e das emoções. Não por acaso consolidou-se, ao longo do século XX, com amplo suporte dos meios de comunicação

de massa, a ideia de que o amor não apenas seria tema de “natural” interesse feminino, como também sua especialidade, além de central para sua realização pessoal e social, consolidada pela maternidade. Esse ideal de amor consolidado na família apoiou-se por muito tempo em uma concepção fusional (CHAUMIER, 1999), ancorada na complementaridade de papéis atribuídos a homens e mulheres. Novas possibilidades de autonomização e individualização das mulheres com sua inserção no mercado de trabalho, principalmente a partir dos anos 1960, instauram tensões entre o ideal fusional e a consagração da autonomia individual dos membros do casal. Conforme Sofia Aboim (2006, p. 48):

Encontramo-nos, nesta perspectiva, no centro de um movimento circular: a conjugalidade amorosa moderna não teria sido possível sem que um processo de individualização tivesse lugar, mas acaba por ser esse mesmo processo que a fragiliza, tornando-a campo mais fácil de tensões e rupturas [...]. Ser feliz, ter sentido para a vida e para si mesmo, ter filhos, uma casa e uma vida material confortável, são aspectos bastante diferentes, mas que frequentemente se misturam enquadrados pela fundamentação do amor: afinal, a base de legitimação da própria vida familiar.

Serge Chaumier (1999) aponta que o amor romântico é tomado como *a grande referência* de amor, dificultando o reconhecimento de outras formas que escapem de sua forma típica ideal: heterossexualizada, monogâmica e marcada pelo autoestímulo de sentimentos correspondentes em relação ao parceiro através do emprego da imaginação, no sentido de reforçar a crença no outro na qualidade de eleito, e em si enquanto portador de méritos especiais que lhe confe-

rem capacidade única de compreender o outro e conectar-se a ele em nível “superior”. Chaumier (1999, p.7) ainda afirma:

Os artistas e, sobretudo os escritores e cineastas, fizeram do amor seu terreno privilegiado, pois exploram seus meandros, conservando seu caráter enigmático e, uma vez que sabem deixar espaço para os mecanismos de projeção e fantasias, eles administram um espaço de liberdade no qual cada um pode extrair sua parte de verdade e sua parte de imaginário.

Ao se resgatar as raízes do amor cortês na Idade Média (ROUGEMONT, 1988) e suas ramificações na literatura e nas artes modernas (CAMPBELL, 2001), as quais configurariam o ideal de amor romântico, nota-se que este tem pouco ou nada a ver com a solidez a ele atribuída. Com incontáveis mudanças nos roteiros dos folhetins amorosos, a narrativa de amor romântico que se consolida no século XX, principalmente a partir de sua versão hollywoodiana – quase sempre resolutive e feliz –, constrói um encontro avassalador característico do “amor paixão”. De acordo com Giddens (1993, p. 50):

O amor romântico, que começou a marcar a sua presença a partir do final do século XVIII, utilizou tais ideais [intimamente relacionados aos valores da cristandade] e incorporou elementos do *amour passion*, embora tenha se tornado distinto deste. O amor romântico introduziu a ideia de uma narrativa para uma vida individual – fórmula que estendeu radicalmente a reflexividade do amor sublime. Contar uma história é um dos sentidos do “romance”, mas esta história tornava-se agora individualizada, inserindo o eu e o outro em uma narrativa pessoal, sem ligação particular com os processos sociais mais amplos.

Tendo como central a ideia de romance enquanto narrativa ficcional, percebe-se o estímulo à imaginação e à idealização como partes essenciais do amor romântico, incitados não só em face dos sentimentos que ocasionam, mas também como reiteração do amante como portador de dons especiais. De modo que “amar” sob a perspectiva romântica implica posturas de negação e enfrentamento da “realidade”, compreendida como dominada por forças externas, alheias à subjetividade dos amantes, podendo tais forças serem da natureza ou, mais recorrentemente, da “sociedade”. Esta, por sua vez, entendida em sentido amplo e difuso como toda sorte de instituições, clivagens e costumes socialmente reproduzidos. Mas, seja ao ceder a impulsos eróticos ou a códigos de conduta implícitos e explícitos de relacionamentos e da vida pública enquanto casal, os amantes românticos, paradoxalmente, cedem à conformidade e a retroalimentam, ao mesmo tempo em que acreditam superá-la.

O aspecto aparentemente questionador, mas, na maioria das vezes, conciliador do ideal romântico em relação à “realidade”, conforme observa Norbert Elias (1994), encontra nas artes lugar privilegiado para a vazão de pulsões reprimidas no processo civilizatório. Elias nota mudanças históricas e sociais não apenas no conteúdo das artes, mas, principalmente, nas formas de significá-las e interpretá-las tanto do ponto de vista técnico e intelectual quanto da identificação de diferentes emoções que a mesma obra suscita em diferentes contextos. Sua análise do quadro *Peregrinação à Ilha de Citera* de Antoine Watteau (1717) é feliz ao suscitar as diferentes significações de cunho político projetadas sobre o quadro na França no Antigo Regime e na Revolução Francesa, bem como pela juventude boêmia em

meados do século XIX, sobre a qual Elias (2005, p. 42-43) pontua:

Era um grupo de jovens artistas e escritores, românticos e conservadores, que procurava uma contra-imagem, um sonho, para compensar a rotina cinzenta e sóbria da sociedade burguesa. Acabaram achando o que procuravam, caindo, talvez sem pensar, em uma restauração política, em um passado, particularmente na França pré-revolucionária do século XVIII. Sonhavam com a alegria, com a beleza dos trajes que as pessoas então vestiam, com a graça e a elegância de suas festas, que tentavam copiar [...]. Foi nessa situação que Nerval e seus amigos descobriram Watteau e, sobretudo, sua peregrinação à ilha de Citera, interpretando o artista e sua tela segundo a disposição de seus espíritos, suas necessidades emocionais e ideais.

Dentro da variação histórica da recepção do quadro, chama a atenção o movimento pendular entre alegria e melancolia nos olhares lançados sobre o mesmo, bem como o contraste entre sonho e realidade, especialmente após a decepcionante viagem de Nerval à Ilha de Citera onde este “encontrou, no entanto, uma ilha árida e odiosa que então, sob domínio britânico, chamava-se Cérigo” (ELIAS, 2005, p. 45). A melancolia referente a um período de utopia de prazeres distante no passado também é tematizada por Elias em *A Sociedade de corte* (2001), sendo que, neste último, o autor se debruça mais detalhadamente sobre a construção social historicamente localizada dessa inclinação romântica também como sinal de distinção de um grupo dentro da figuração da corte de Luís XIV.

Esse movimento pendular observado por Elias diz muito sobre o “processo civilizatório”, seja enquanto desenvolvimento do auto-

controle das pulsões, seja como produção de formas de sentir, pensar e idealizar as emoções que, além de socialmente legitimadas e reconhecidas, operam não apenas sob o jugo das interdições, mas, talvez, principalmente através do autoestímulo mental mais ou menos consciente. De modo que a melancolia, bem como outros estados emocionais despertados na apreciação das obras de arte sob a chave da sensibilidade individual expressavam formas aprendidas e praticadas de sentir e, principalmente, nomear, classificar e hierarquizar sentimentos de forma a estabelecer limites entre quais devem ser estimulados ou rechaçados. Sensações associadas ao amor romântico, portanto, convertem-no em algo maior do que um estado emocional, configurando-o como um complexo léxico de normas emocionais e comportamentais: O que sentir? Como sentir? Quando? Por quem? Por quanto tempo? Em que medida? Tais questões, mais ou menos conscientemente, colocam-se no exercício reflexivo da produção do amor romântico, sendo que, embora se apresente como processo rigorosamente interno e subjetivo, coloca-se constantemente à prova e à reavaliação quando em contato com referenciais externos que vão além das demonstrações de reconhecimento pelo ser amado, mas também por impressões e reações à música, à poesia, ao cinema e aos pareceres de “especialistas”, sejam eles autores de autoajuda ou pensadores laureados no mercado editorial.

2. Amor líquido

Muitas vezes não precisamos de nada complexo para encontrar a verdadeira essência das coisas. (Josie Conti, 2020)

3. “memes são um fenômeno típico da internet, e podem se apresentar como imagens legendadas, vídeos virais ou expressões difundidas pelas mídias sociais. [...] são geralmente compreendidos como conteúdos efêmeros, vulgarmente encarados como ‘besteirol’ passageiro ou ‘cultura inútil’, fruto de sua utilização da linguagem do humor” (MUSEU DE MEMES, n/d).

Essa epígrafe, lema da revista digital *Conti Outra*, não apenas sintetiza o propósito do sítio, como evoca, talvez ironicamente, o objeto da presente reflexão: a apropriação e popularização do conceito de “amor líquido” pelo senso comum hoje (BAUMAN, 2004). A ironia refere-se à escrita do sociólogo considerada mais acessível para o grande público, supostamente permitindo rápido entendimento e difusão de suas ideias, destilando a complexidade sociológica em uma leitura de fácil consumo nos mesmos moldes da liquidez que o autor e seus “seguidores” apontam como o mal da contemporaneidade, sustentado, em grande parte, por novas tecnologias de comunicação e informação. Em um dos textos pesquisados, lê-se:

O sociólogo polonês Zygmunt Bauman é um dos filósofos mais respeitados e comentados da atualidade e os motivos não são surpreendentes: além de fazer da filosofia algo acessível, suas mais de 50 obras se dedicam a temas como o consumismo, a globalização e a fragilidade a qual estão expostas as *relações humanas* (CAMOCARDI, 2017).

Tais concepções se manifestam especialmente na internet, a partir de blogs com propostas diversas e sítios de “cultura colaborativa” como o portal *Obvious Magazine*, muitas vezes replicados, via hiperlinks, em plataformas de redes sociais como o Facebook, ou ainda, em fotografias com citações atribuídas ao autor e *memes*³. Em um desses, há uma foto de Bauman com olhar pensativo e, sobreposto à foto, em letras bran-

cas, há o seguinte texto simulando um diálogo do autor com alguém que escreve suas palavras: “O mundo tá uma putaria” – “não dá pra escrever isso Bauman [sic]” – “Então coloca aí: ‘Vivemos tempos líquidos. Nada é para durar’”. Podem ser encontrados com a mesma estrutura memes com as imagens de Marx, Beauvoir, Descartes, entre outros, tendo em comum o fato de se referirem a autores consagrados.

Para Bauman (2001), na modernidade tardia, tudo que era sólido se liquefaz, no sentido de sua fluidez, impermanência, efemeridade e menos pela plasticidade e adaptabilidade do estado líquido. Seu contraponto seria a tradição, a durabilidade e previsibilidade das instituições e suas normas. De saída, chama a atenção, na apropriação observada da noção de liquidez, que esta assume um caráter de juízo de valor que, à primeira vista, não portaria. “Líquido” e “sólido”, para além da referência aos estados físicos da matéria, são qualitativamente contrapostos em uma escala onde ao sólido correspondem qualidades como segurança, confiabilidade, compromisso e lealdade, enquanto ao líquido correspondem a incerteza, o hedonismo, promessas não cumpridas ou sequer feitas.

Além da escrita acessível do autor, é fundamental considerar seu potencial de legitimação e reiteração de perspectivas já presentes no senso comum. A identificação de seu público com as ideias de liquidez, insegurança e desesperança quanto a relacionamentos afetivos diz menos sobre a condição dos relacionamentos do que sobre experiências de frustração que encontram, na perspectiva da liquidez, um recurso de superação de modo a preservar uma visão positiva de si. Não por acaso, observou-se que, tanto nos sítios aqui analisados quanto em demais links encontrados, as referências a

Bauman dividem organicamente o espaço com textos de autoajuda sobre relacionamentos. Nesse sentido, há menos interesse por uma analítica sociológica dos processos de liquefação da modernidade – nos quais Bauman jamais negligenciou a relevância de aspectos econômicos, políticos e históricos –, do que por formas socialmente canceladas e difusas de atribuir valor e sentido aos próprios sentimentos.

Aparentemente, Bauman aprendeu a falar a língua dos habitantes da modernidade líquida e a se comunicar com seus anseios por respostas ou consolos rápidos, cabíveis no limite de 140 caracteres de uma postagem no Twitter. Não se trata de corroborar ou refutar sua perspectiva analítica, que pode ser funcional em muitos aspectos quando entendida através de analogias entre os projetos de “solidez” da modernidade e as sucessivas transformações e dúvidas subsequentes que envolveram também questões relativas à expansão do consumo e dos meios de comunicação de massa. O que instiga esta reflexão é justamente a recepção percebida de citações ao autor, desprovidas de qualquer ambição socioanalítica, limitadas a um prognóstico da vida social autor-referenciado, acessório à legitimação de estados e perspectivas emocionais individuais.

Bauman (2001, 2004) desenvolve a perspectiva da liquidez para se referir à condição contemporânea da modernidade a partir do contraponto metafórico em que o sólido é associado à durabilidade e permanência, enquanto a liquidez é associada à instabilidade, ao movimento e à mudança. Se a modernidade seria caracterizada, em seu início, pelo rompimento de estruturas sociais e políticas sólidas e a proposta de substituí-las por novas, igual ou mais sólidas e duradouras, a partir do último terço do século XX, este projeto de solidez se revela ca-

da vez menos sustentável, dando lugar, em todos os campos da vida social, à incerteza, à insegurança e a mudanças cada vez mais velozes e difíceis de se acompanhar.

A nossa é, como resultado, uma versão individualizada e privatizada da modernidade, e o peso da trama dos padrões e a responsabilidade pelo fracasso caem principalmente sobre os ombros dos indivíduos. Chegou a vez da liquefação dos padrões de dependência e interação. Eles são agora maleáveis, a um ponto que as gerações passadas não experimentaram e nem poderiam imaginar; mas, como todos os fluidos, eles não mantêm a forma por muito tempo. Dar-lhes forma é mais fácil do que mantê-los nela. Os sólidos são moldados para sempre. Manter os fluidos em uma forma requer muita atenção, vigilância constante e esforço perpétuo – e mesmo assim o sucesso do esforço é tudo menos inevitável (BAUMAN, 2001, p. 14).

Um aspecto chave da perspectiva de Bauman é a instabilidade e o descrédito em relação a projetos e compromissos de longo prazo. Nisso, o consumo, em oposição à noção de produção que seria predominante na “modernidade pesada” (BAUMAN, 2001), desponta como marca dessa sociedade baseada na satisfação e esgotamento imediato não apenas de necessidades, mas de desejos e impulsos. Este teria papel fundamental na manutenção da condição líquida, bem como se tornaria referência tanto para relações com bens e mercadorias, quanto para interações sociais, de maneira geral, laços e parcerias:

Compromissos do tipo “até que a morte nos separe” se transformam em contratos do tipo “enquanto durar a satisfação”, temporais e transitórios por definição, por proje-

to e por impacto pragmático – e assim passíveis de ruptura unilateral, sempre que um dos parceiros perceba melhores oportunidades e maior valor fora da parceria do que em tentar salvá-la a qualquer – incalculável – custo. [...] laços e parcerias tendem a ser vistos e tratados como coisas destinadas a serem *consumidas* e não produzidas; estão sujeitas aos mesmos critérios de avaliação de todos os outros objetos de consumo (BAUMAN, 2001, p. 187 – grifo do autor).

Consolidada a perspectiva analítica da liquidez, em *Amor líquido* (2004) o autor lança seu olhar sobre laços de caráter afetivo-sexual, sendo notável que a referência por ele adotada é aquela que se apresentou no ocidente como hegemônica, considerando relacionamentos heterossexuais monogâmicos e votos em relação à durabilidade e à fidelidade próprios do casamento burguês. A esse respeito, causa incômodo em sua análise uma aparente naturalização de um tipo específico de vínculo amoroso, apenas supostamente destinado à eternidade. O autor não esconde seus posicionamentos morais em relação aos laços afetivo-sexuais e, entre citações de poetas e psicólogos, apresenta uma visão bastante convicta e *a-histórica* em termos do que caracterizaria o “verdadeiro” amor ou, no mínimo, dos níveis hierárquicos para seus padrões:

Afinal, a definição romântica do amor como “até que a morte nos separe” está decididamente fora de moda, tendo deixado para trás seu tempo de vida útil em função da radical alteração das estruturas de parentesco às quais costumava servir e de onde extraía seu vigor e sua valorização. Mas o desaparecimento dessa noção significa, inevitavelmente, a facilitação dos testes pelos quais uma experiência deve passar para ser chamada de

“amor”. Em vez de haver mais pessoas atingindo mais vezes os elevados padrões do amor, esses padrões foram baixados. (BAUMAN, 2004, p. 19)

Ainda que atribua um caráter “funcional” à definição romântica de amor, aparentemente situando-a num contexto específico determinado pelas estruturas de parentesco até então em voga, o autor reforça a ideia de “amor romântico” como parâmetro de elevação que, em trágico contraponto, os padrões hodiernos jamais seriam capazes de atingir.

3. O romântico, o líquido e o digital

Ao levantar o problema da liquidez dos relacionamentos contemporâneos, os discursos de muitos internautas, em redes sociais e nos espaços de comentários dos sítios acessados, reiteram o amor romântico como contraponto, visto como ideal e sobre o qual se formariam relações duradouras. Alguns, dramaticamente, alardeiam o fim do romantismo, ao mesmo tempo em que, direta ou indiretamente, constroem discursos de distinção que os colocam na heroica condição de “últimos românticos”. A partir do momento em que interpretam como realidade de fato que se encontram em um mundo guiado pela liquidez generalizada, onde o amor romântico teria sido desbancado em nome da efemeridade e do não comprometimento como norma, estes “últimos românticos” têm sua autoimagem idealizada reforçada não somente enquanto vítimas de uma nova ordem, mas como símbolos da resistência de ideais perdidos. Essa leitura da realidade não é absurda ao se recordar do que aponta Colin Campbell (1995, p. 252; 254) sobre a dificuldade de definir o romantismo enquanto movimento histórico:

O romantismo, justificadamente, pode ser apresentado melhor como um impulso do que como um sistema unificado de ideias, e mais, um impulso para o caos. Logicamente, portanto, não apenas “uma definição fechada de romantismo... não é muito romântica”, como “se um importante aspecto do romantismo é a rebelião, então rebelar-se contra o romantismo também poderia ser romântico” [...] Outras características típicas desse modo de sentir seriam: a insatisfação com o mundo contemporâneo, uma inquieta ansiedade em face da vida, uma preferência pelo estranho e curioso, uma inclinação para o sonho e o devaneio, um pendor para o misticismo, e uma celebração do irracional.

Embora o autor se refira ao romantismo enquanto movimento cultural difuso na Europa nos séculos XVIII e XIX, a tônica da insatisfação com o mundo contemporâneo, a inclinação ao sonho e ao devaneio e a tendência à rebeldia são assaz exploradas na construção de heróis e heroínas românticas em diferentes mídias até hoje, como o cinema e a televisão. A rebeldia, neste caso, não remete à coletividade para o confronto da ordem social vigente, mas ao simples fato de que a base do pensamento e da ética românticos são centrados no indivíduo, confiando exclusivamente em sua sensibilidade, percebida e idealizada como autêntica e destoante da realidade e seus valores em voga. De modo que não é estranho pensar que a noção difundida de amor líquido, uma vez presumida como “dominante”, opere como incremento significativo de autoidealização de seus críticos na qualidade de “verdadeiros românticos”.

Essa percepção do amor romântico é apresentada como parâmetro de elevação em contraponto a outras possibilidades de experiência afetivo-sexual, hoje frequente-

mente mediadas por novas tecnologias de informação e comunicação incorporadas à vida cotidiana. Nisso, muitas vezes o “amor líquido” é tratado quase como decorrência direta das novas tecnologias digitais, como podemos observar na advertência de Jackson Buonocore (2018) em sua coluna no site *O segredo*: “Por outro lado, é sempre perigoso, o ‘amor líquido’, que hoje no mundo virtual e real oferece emoções que somem das nossas mãos. Um amor que deixa inúmeras pessoas com os corações dilacerados, que foram traídas por sua carência desmedida”. A exemplo de considerações do próprio Bauman (2001), notam-se frequentes associações entre a liquidez e as possibilidades de interação e comunicação proporcionadas por novas tecnologias de comunicação e informação e mídias digitais:

Logo, a era da internet não é a mais confiável das relações. Amanhã o computador em que escrevo pode estar ultrapassado, o celular que utilizo pode não suprir mais as minhas necessidades profissionais e pessoais, a minha TV talvez já não seja a das melhores. Amanhã todos esses objetos podem ser trocados facilmente. Assim como você também pode ser substituído como uma tecnologia. É a Era do amor líquido (FECHINE, 2014).

A existência de recursos facilitadores de interações não presenciais, a velocidade da comunicação, os aplicativos de relacionamento e as possibilidades de manipulação e edição de imagens de si via redes sociais são frequentemente levantados como fonte e como prova dos problemas dessa era. Mas essas leituras que associam diretamente a tecnologia à tragédia dos relacionamentos afetivos expressam a persistência de outra perspectiva nada nova, muito presente no senso comum e, em alguma medida, nos debates relacionados a impactos

de novas tecnologias na vida social. Trata-se da perspectiva que Raymond Williams (2016, p. 26) apresenta como *determinismo tecnológico*:

De acordo com ela, as novas tecnologias são descobertas por um processo essencialmente interno de pesquisa e desenvolvimento, que define as condições para a mudança social e o progresso. O progresso, em particular, é a história dessas invenções que “criaram o mundo moderno”. Os efeitos das tecnologias, diretos ou indiretos, previstos ou imprevistos, seriam o resto da história. A máquina a vapor, o automóvel, a televisão e a bomba atômica *constituíram* o homem moderno e a condição moderna.

Esse determinismo, em sua forma senso comum, invisibiliza processos sociais e históricos essencialmente humanos, tanto nas mudanças sociais quanto nas condições propícias que se configuram para a ascensão de novas tecnologias e, principalmente, de seus novos usos e ressignificações, raramente previsíveis. Guardadas as devidas especificidades do contexto da observação de Williams nos anos 1970 e hoje, permanecem mecanismos de juízos de valores semelhantes envolvendo tecnologias de comunicação quando estas se tornam mais acessíveis a parcelas maiores da população. Nisso, projeta-se sobre elas uma suposta influência, mais imaginária do que real, na deturpação de valores morais, onde temas relativos à sexualidade e aos relacionamentos afetivos ganham destaque como problemas de ordem moral individual, eclipsando aspectos sociais de seu contexto. Nesse sentido, Larissa Pelúcio (2016, p. 5) pondera:

[...] os aplicativos móveis para fins de relacionamentos amorosos/sexuais integram um complexo campo no qual a dinâmica da vi-

da contemporânea pautado pela aceleração do tempo, maior exigência no campo do trabalho e a sua flagrante precarização. Somentese a esse cenário um conjunto de ansiedades que entrelaçam esfera pública e privada, tais como o aumento da violência urbana, as urgências emocionais relativas aos anseios estimulados por diversos discursos que nos convocam a sermos felizes, saudáveis, aventureiros/as. Conformando as já muito discutidas transformações na esfera íntima da família e do amor romântico (Giddens, 1993; Bauman, 2004; Illouz, 2009) coadunam-se com as possibilidades emocionais ofertadas pelas novas tecnologias, pactuando uma estreita relação entre estas e os sentimentos.

Na contramão de Bauman e do grande número de leitores que amiúde o citam e comentam em diferentes plataformas, acreditamos que o amor romântico, enquanto referencial ideológico para experiências afetivas e sexuais, encontra-se mais intensificado do que abandonado. Nisso, a noção de amor líquido mais colabora para reforçar um repertório cultural de amor romântico do que para enterrá-lo sob o concreto frio, porém inconsistente, da modernidade líquida. Embora o impacto da obra de Bauman entre leitores não especializados da sociologia seja um fenômeno recente, a aderência destes a determinadas visões e discursos não é tão nova. Como observa Richard Sennett (2001) também nos anos 1970, a forma como o indivíduo, narcisisticamente, se sente a respeito de algo se torna a medida primordial de toda a sua experiência da realidade. Este, citado amiúde por Bauman, alertara, tempos antes, para a idealização narcisística dos relacionamentos afetivos:

Ainda que tenhamos nos revoltado contra o rigor sexual severo da família vitoriana, continuamos a sobrecarregar as nossas relações

de proximidade com os outros com esses desejos secretos de segurança, de repouso e de permanência. Quando as relações não conseguem suportar essa carga, concluímos que há algo de errado com o relacionamento, ao invés de reconhecermos que há algo de errado com as expectativas não declaradas. (SENNET, 2001, p. 318)

O desencantamento de tantos usuários das mídias digitais frente à constatação da liquidez de nossos tempos não só não é novo, como também expressa desejos frustrados e já não tão secretos de uma segurança que, ao menos nos moldes românticos, jamais existiu. E, ao se perceberem num contexto de incertezas onde nem o amor parece lhes oferecer a segurança que se acredita necessária, reforça-se uma tendência de nostalgia e idealização de tempos não vividos, no que se inclui, junto a amplo resgate de ideias conservadoras, a idealização da família nuclear:

Mas uma tendência não é difícil prever: o movimento do mundo intacto, que toma o ontem como exemplo do amanhã: *de volta à família nuclear*. Para muitos o abandono do matrimônio e da família parece individualismo transbordante, a ser combatido, política e institucionalmente, por contramedidas direcionadas para suporte da família. As mulheres, em particular, querem conquistar “uma vida própria”, para além do seu papel no trabalho doméstico e no sustento proveniente de um casamento, razão pela qual seus esforços pessoais e políticos deparam com temores especiais, ceticismo e resistência [...] Apesar de todas as tendências de individualização e liberação identificadas, também existem condições e desenvolvimentos que conferem ênfase social à demanda pelo “retorno à cozinha”. (BECK-GERNSHEIM, 2017, p. 162)

A repercussão das referências ao conceito de amor líquido não é suficientemente explicada se tratada como mais uma decorrência do contexto tecnológico atual. Mais do que pelo acesso à tecnologia e ao conteúdo por ela propalado, só é possível compreender a ressonância que as expressões de Bauman encontram nos usuários ao se considerar condições sociais, políticas e culturais que precedem as próprias redes utilizadas na veiculação desse conteúdo. Ao abordar esse fenômeno, à luz das contribuições de Eva Illouz em relação à cultura dos afetos nas sociedades capitalistas contemporâneas, encontram-se mais pistas para entender por que as referências ao amor líquido aparecem recorrentemente em colunas e portais de autoajuda, revestidas de uma linguagem e imperativos terapêuticos. Nisso, Illouz (2011, p. 75) destaca a relação de “influência recíproca” entre terapia e feminismo:

A influência recíproca da terapia e do feminismo foi sumamente visível na elaboração de um modelo cultural de intimidade sexual e afetiva, que teve como pano de fundo a emergência do campo da terapia sexual, esta relacionada com os relatórios Kinsey, fartamente divulgados, e, mais tarde, com o estudo da sexualidade conduzido por Masters e Johnson. A ideia de intimidade combinou atributos do discurso psicológico e do feminismo, pois a sexualidade liberada tornou-se uma afirmação simultânea de saúde afetiva e emancipação política. O novo modelo cultural da intimidade evidenciou-se, por exemplo, numa nova fórmula cinematográfica centrada na desintegração dos relacionamentos, ao término dos quais as mulheres geralmente descobriam sua “liberdade” e sua sexualidade. (Woody Allen aperfeiçoou esse gênero com filmes como *Annie Hall*, *A outra*, *Manhattan*, *Simplesmente Alice* etc.).

Pode-se deduzir que não apenas se construiu, nas últimas décadas do século XX, um particular interesse em relação às emoções, mais ou menos balizado por discursos de autoridade científica dos campos da medicina e da psicologia a partir da massificação da literatura de autoajuda, como também ressoaram, através delas, formas nem sempre coerentes e tanto menos planejadas de significar, reflexivamente, os relacionamentos amorosos. E mesmo antes da popularização da internet, também apareciam no senso comum e na fala de “especialistas” da moda – colunistas e comentaristas de jornais, revistas e programas de variedades –, o discurso de responsabilizar meios e tecnologias de comunicação de massa, como a televisão, pela suposta derrocada de valores morais associados ao amor e à família, pretensamente concebidos para durar.

O aspecto da conectividade de novas tecnologias comunicacionais, longe de se restringir ao nível tecnológico e instrumental dos novos dispositivos presentes no mercado, abre espaço para novas experiências afetivas. Isso se dá, de um lado, por novas possibilidades de encontro e comunicação, seja por aplicativos específicos de paquera, seja por recursos de mensagem instantânea que permitem que casais, mesmo à distância, mantenham-se em contínua comunicação ao longo do dia. De outro lado, ou ainda pela possibilidade de contato com fontes diversificadas de informação e conteúdos sobre os mais diversos assuntos, incluindo relacionamentos afetivos. Assim, a internet, além de possibilitar o acesso mais amplo a textos mais e menos especializados, vídeos e outros conteúdos de interesse do usuário que podem facilmente ser acessados e compartilhados na rede, também permite o feedback quase instantâneo de outros usuários. De modo que as interlocuções entre usuá-

rios e usuárias com interesse em temas como relacionamentos amorosos crescem exponencialmente.

Aliados a esse crescimento, algoritmos oferecem aos usuários sugestões de conteúdos de acordo com seus interesses de busca. Dessa forma, alguns conteúdos que poderiam parecer restritos a grupos com determinado domínio técnico específico – sociólogos, filósofos, psicólogos –, ou detentores de capitais culturais e econômicos que lhes possibilitariam acesso diferenciado, tornam-se potencialmente menos restritos. E se o vocabulário de uma obra já se mostrava menos restritivo, e abordava problemas de natureza social vivenciados como de natureza individual, seu leque de alcance via mídias digitais se mostra ainda mais aberto. Isso, ao menos em parte, explica a ressonância da noção de amor líquido na internet. Em artigo sobre o uso de mídias digitais por mulheres de classes populares no Brasil, Facioli e Miskolci (2015, p. 157) apontam que:

A novidade trazida com as mídias digitais acessadas por essas mulheres é a possibilidade de equacionar as tensões entre os novos horizontes disponíveis, por um lado, e a origem e experiência subalternas por outro, em uma rede *online* de diversas mulheres conectadas entre si e que compartilham desses mesmos dilemas. A internet possibilita para a grande maioria desses sujeitos, um acesso a uma série de informações que, sem a rede, não seriam expostas.

A exposição a informações sobre relacionamentos afetivos muda não apenas a experiência do relacionamento, mas também sua idealização. E, talvez pelo próprio caráter “líquido” da atualidade, seja reforçada uma percepção imediatista e não historicizada das condições dos relacionamen-

tos afetivos no contexto de novas tecnologias, conferindo a um passado não muito distante – que para alguns remonta à década de 1990 –, a idealização de uma segurança e consistência que jamais estiveram lá. Essa idealização, enquanto negação do presente, pouco difere do romantismo da boemia francesa do século XIX.

A valorização de uma particular sensibilidade se coloca como refratária a supostos valores e práticas contemporâneos, exaltando o gosto por tudo que parece distante e esquecido, habitante de um mundo inacessível a não ser pela imaginação. A essa sensibilidade é atribuído caráter de dom especial, distinguindo o indivíduo da suposta massa dos comuns que, assim como ele, se acreditam especiais. Ironicamente, está no cerne do amor líquido a busca incessante pela realização do ideal romântico. Assim, este não se mantém distante e inalcançável, mas antes, é vivido repetidas vezes na efemeridade que lhe é própria. Contudo, a prática desse ideal se revela problemática, esbarrando em alguns de seus fundamentos históricos que se contrapõem aos ideais de reciprocidade, equilíbrio e igualdade que supostamente o compõem. De acordo com Mari Luz Esteban (2011, p. 86):

Sejamos conscientes ou não, a conformação ocidental hegemônica do amor é um obstáculo radical para o reconhecimento real do outro, para reconhecer-lhe um lugar no mundo. Além do mais, entre nós, o reconhecimento tende a se confundir com a posse (*és meu/minha, posto que te amo*); e o amor é um amor que invisibiliza as diferenças de poder, que invisibiliza conhecimentos e tarefas (*as mulheres cuidam porque amam, os homens trabalham*), distorce a bidirecionalidade da reciprocidade e impede a repartição do trabalho e da riqueza (*quem ama*

não pode pedir nada em troca). E tudo isso se aplica de maneira particular às mulheres e, provavelmente também, àqueles homens que não estão empenhados em ressaltar sua *masculinidade* (tradução livre, grifos da autora).

Observa-se como persistente uma orientação romântica que confere centralidade aos sentimentos individuais, onde o outro é idealizado como complemento de si mesmo. Essa versão romântica de individualismo, caracteristicamente burguesa, na maior parte da história, teve a individualidade masculina como referência. Nisso, as mulheres, embora consumidoras preferenciais de romances e folhetins, tinham, no encontro amoroso, a possibilidade máxima e mais desejada de vivenciar sua própria “individualidade”, sempre condicionada ao encontro e à fusão com sua contrapartida masculina. Contudo, se os projetos de individualidade socialmente difundidos hoje são menos restritivos em relação às mulheres – graças a lutas e conquistas feministas –, eles também se encontram em conflito com ideais cristalizados tais como o amor romântico. Mas como é característica do amor romântico a negação da realidade e a valorização de sentimentos individuais cultivados através da imaginação, a própria possibilidade de revisar e mudar padrões comportamentais e valorativos para relacionamentos afetivos acaba sendo rechaçada, em nome da preservação de um ideal amoroso retrógrado e machista.

Considerações finais

Buscou-se aqui suscitar entradas para compreender a ressonância que o conceito de amor líquido encontra em canais de mídias digitais, em que se destacam redes sociais e sítios de cultura colaborativa e au-

toajuda. Nestes últimos, onde se percebe a convergência com o discurso terapêutico, notou-se que um dos méritos atribuídos à obra de Bauman é a simplicidade de sua escrita. Entretanto, não é claro em que medida os usuários que reproduzem trechos de seus livros e entrevistas consultam sua obra ou se limitam às citações encontradas na rede. Isso estimula questões sobre possibilidades específicas de consumo e práticas culturais que mídias digitais oferecem hoje. Estas, por sua vez, vão ao encontro da construção que Bauman faz da “modernidade líquida” como marcada pela velocidade e superficialidade também das interações. De modo que Bauman, tal como concebido por seus leitores, parece se tornar produto exemplar de sua própria obra.

Em relação ao amor, entende-se que, diferentemente do que o autor sugere e do que seus leitores avidamente reproduzem, a perspectiva da liquidez não desbanca a perspectiva romântica, que se mantém firme como referência primordial de relações amorosas, mais pelo valor que atribui à idealização, do que necessariamente à durabilidade e solidez dos relacionamentos, elementos que permanecem buscados em relações sucessivas. Nesse sentido, é recorrente uma perspectiva nostálgica que associa relacionamentos do passado à realização do ideal romântico, raramente considerando elementos tanto históricos e culturais quanto econômicos e práticos por trás de relacionamentos duradouros, cuja manutenção se deu menos por seu caráter romântico e mais por dificuldades consideravelmente maiores, sobretudo para mulheres, implicadas tanto dos pontos de vista material e jurídico quanto da estigmatização do divórcio. A isso, acrescenta-se mudanças culturais nas últimas décadas em termos do que constituiria um projeto de vida “de sucesso”, tanto na vida íntima quanto na vi-

da social, a ser levado a cabo. Mudanças no mercado de trabalho no tocante a construir uma carreira longa dentro de uma mesma empresa ou repartição pública, dando lugar a discursos que valorizavam o empreendedorismo, currículos com experiências profissionais diversificadas e a maior rotatividade de trabalhadores em empresas com frequentes fusões, vendas e repartições no contexto da economia global talvez expliquem melhor a crise de durabilidade dos relacionamentos do que uma crise do amor romântico e de valores morais associados a ele.

A ética e a estética românticas permanecem pulsantes, incorporadas à cultura de consumo, presentes em serviços especializados de cerimonial de casamento – ensaios fotográficos diversos, chás de panela, despedidas de solteiro, recepção, decoração, planejamento de viagens etc. –, além de atualizadas no cinema e, hoje em dia, em seriados de televisão e plataformas de vídeo *streaming*. Pessoas se casam, separam, conhecem novos parceiros e se casam novamente, investem tempo, dinheiro e energia, planejam vidas e carreiras na crença geralmente sincera de que será algo duradouro. Como no século XIX, ainda hoje o amor romântico, que pressupõe a construção narrativa de um eu reconhecido, endossado e enaltecido pelo outro permanece forte no que o distingue: a centralidade da capacidade de idealização e autoestímulo emocional por meio da imaginação. Quanto ao amor líquido, este serve de forma conveniente e sintética para a manutenção de outro exercício tipicamente romântico: a afetação no desprezo pelo presente, aliada à necessidade de autodistinção, alimentando a crença de que se é um ser dotado de méritos especiais, que não deve ser satisfeito, tanto menos confundido com o “comum”.

Exercício reflexivo resultante de observações não sistematizadas em um movi-

mento inicial de pesquisa no sentido de rastrear referências dentro da rede em que a liquidez é apropriada para falar de relacionamentos, o presente texto, reconhecidamente, não encerra o tema, mas propõe deixar questões em aberto. Buscou-se construir, enquanto objeto de investigação, os potenciais significados e implicações da recepção do conceito de amor líquido no senso comum e sua difusão e ressignificação a partir de mídias digitais e, em seguida, construir uma perspectiva analítica fundamentada na articulação teórica entre referências alternativas a Bauman sobre o amor na sociologia, e referências em sociologia digital. Entende-se que essa interlocução teórica seja frutífera em face das relações que o próprio Bauman constrói em sua obra, entre a liquidez e novas tecnologias de comunicação, bem como em face de posicionamentos valorativos em relação a estas e seus impactos presumidos, do ponto de vista moral, na intimidade e na vida social. Trata-se de um primeiro passo rumo a uma agenda de pesquisa sociológica, a fim de interpretar, criticamente, a partir da recepção aqui apresentada da perspectiva da liquidez, processos de significação e valoração de relacionamentos íntimos hoje, em sua relação direta com condições sociais, culturais e históricas de ocorrência, nas quais novas tecnologias, embora não determinantes, têm visível relevância.

Referências

- ABOIM, S. *Conjugalidades em mudança*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, 2006.
- BAUMAN, Z. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- _____. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

- BECK, U.; BECK-GERNSHEIM, E. *O caos totalmente normal do amor*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2017.
- BUONOCORE, J. Amor e paixão. Você acredita nisso? Mas, por que não tentar? *O Segredo*. 04 de Jun. de 2018. Disponível em: <<https://osegredo.com.br/amor-e-paixao-voce-acredita-nisso-mas-por-que-nao-tentar/>>. Acesso em: 21 jun. 2019.
- CAMOCARDI, P. Bauman e sua verdade comprovada: “Vivemos tempos líquidos. Nada é para durar”. *Contioutra*. 1º de maio de 2017. Disponível em: <<https://www.contioutra.com/bauman-e-sua-verdade-comprovada-vivemos-tempos-liquidos-nada-e-para-durar/>>. Acesso em: 21 jun. 2019.
- CAMPBELL, C. *A ética romântica e o espírito do consumismo moderno*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- CHAUMIER, S. *La déliaison amoureuse*. Paris: Armand Colin, 1999.
- CONTI, J. CONTI outra. Disponível em : <<https://www.contioutra.com/quem-somos/>>. Acesso em: 21 jun. 2019.
- ELIAS, N. *O processo civilizador*. v. II. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- _____. *A sociedade de corte*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- _____. *A peregrinação de Watteau à Ilha do amor*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- ESTEBAN, M. *Crítica del pensamiento amoroso*. Barcelona: Bellaterra, 2011.
- FACIOLI, L.; MISKOLCI, R. Conectadas: experiência de subalternidade e ajuda-mútua feminina online entre mulheres de classes populares. *Mediações*, v. 20, n. 2, p. 129-159, 2015.
- FECHINE, D. O amor líquido por trás do filme *Her*. *Obvious Magazine*. jul. 2014. Disponível em: <http://lounge.obviousmag.org/encha_a_xicara/2014/07/o-amor-liquido-por-tras-do-filme-her.html> http://lounge.obviousmag.org/encha_a_xicara/2014/07/o-amor-liquido-por-tras-do-filme-her.html>. Acesso em: 21 jun. de 2019.
- GIDDENS, A. *A Transformação da Intimidade*. São Paulo: UNESP, 1993.
- ILLOUZ, E. *O amor nos tempos do capitalismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- MARTINS, J. S. O senso comum e a vida cotidiana. *Tempo Social*, v.10, n.1, p. 1-8, 1998.
- MISKOLCI, R. Sociologia digital: notas sobre pesquisa na era da conectividade. *Contemporanea*. São Carlos-SP, v. 6, n. 2, p. 275-296, 2016.
- MUSEU DE MEMES. *O que são memes?* Disponível em: <<http://www.museudememes.com.br/o-que-sao-memes/>>. Acesso em: 03 jun. 2019.
- O SEGREDO... Disponível em: <<https://osegredo.com.br/>>. Acesso em: 20 jun. 2019.
- OBVIOUS... Disponível em: <<http://obviousmag.org/>>. Acesso em: 20 jun. 2019.
- PELÚCIO, L. “Vamos fazer isso pessoalmente”: masculinidades contemporâneas negociação dos afetos na busca de parcerias amorosas e sexuais por de aplicativos móveis. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 30, João Pessoa, Anais... João Pessoa: UFPB, 03 a 06 de agosto de 2016.
- PRADO, A. Zygmunt Bauman: vivemos tempos líquidos. Nada é para durar. Entrevista concedida em setembro de 2010. *Revista IstoÉ*, São Paulo, n. 2641, 21/08. Disponível em: <https://istoe.com.br/102755_VIVEMOS+TEMPOS+LIQUIDOS+NA-DA+E+PARA+DURAR+/>. Acesso em: 23 jun. 2018.
- RODRIGUES, M. F. Zahar faz 60 anos, lança livro sobre sua história e mira o futuro sem perder de vista a essência. *Jornal Estadão*, 05 de dezembro de 2017. Disponível em: <<https://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,zahar-faz-60-anos-lanca-livro-sobre-sua-historia-e-mira-o-futuro-sem-perder-de-vista-a-essencia,70002107972>>. Acesso em: 23 jun. 2018.
- ROUGEMONT, D. *O amor e o Ocidente*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.
- SENNETT, R. *O declínio do homem público*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- WILLIAMS, R. *Televisão: Tecnologia e Forma cul-*

tural. São Paulo: Boitempo, 2016.

ZYGMUNT Bauman. Na era da informação, a invisibilidade é equivalente à morte. n/d. Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/508695720394882546/?lp=true>>. Acesso em: 04 jan. 2019.

RESUMO

O texto aborda apropriações da noção de amor líquido no senso comum, buscando compreender os sentidos que este adquire e os posicionamentos morais que evocam entre usuários de mídias digitais. Partiu-se de publicações achadas em mídias sociais, sítios de cultura colaborativa e autoconhecimento e buscou-se elaborar uma reflexão teórica a fim de analisar as circunstâncias culturais e históricas dessas manifestações. A discussão se concentra em três linhas: a historicização do pensamento romântico; a liquidez em Bauman, sua recepção e difusão por usuários das redes; e discursos acerca dos impactos de mídias digitais na vida afetiva-sexual hoje.

PALAVRAS CHAVE

Senso comum. Amor líquido. Amor romântico. Mídias digitais

ABSTRACT

The text approaches appropriations of the notion of liquid love in common sense, seeking to understand the senses it acquires, and moral positions evoked by them among digital media users. It was based on publications found in social media, sites of collaborative culture and self-knowledge and sought to elaborate a theoretical reflection in order to analyze the cultural and historical circumstances of these manifestations. The discussion focuses on three lines: the historicization of romantic thinking; the liquidity in Bauman, its reception and diffusion by internet users and discourses about the impacts of digital media in the affective-sexual life today.

KEY WORDS

Common sense. Liquid love. Romantic love. Digital media.

Recebido em: 11/10/2019

Aprovado em: 22/04/2020